

# AUTORES & LIVROS

18-7-1948

ANO VIII

Diretor e redator: MUCIO LEÃO.  
Gerente: LEONARDO MARQUES.  
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.  
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 4

Vol. IX

## NOTICIA SOBRE JOSE' DE ANCHIETA

Joné de Anchieta nasceu em São Cristóvão da Laguna, Capital da ilha de Tenerife, em 19 de março de 1534. Era filho de João de Anchieta, de nobre família basca, e se aparentava com os Lóloas.

Nasceu em Ustestilla, na Província basca, João de Anchieta foi fixar-se em Tenerife. Ali casou-se com D. Mencia Diaz de Clavijo Llerena, viúva do bacharel Nuno Nunez de Villavieja, de quem tinha dois filhos. Era ela também de família nobre, e nasceu na Grande Canária.

O casal teve dez filhos, dos quais José foi o terceiro. O chefe da família exerceu em Tenerife diversos cargos, incluindo entre os anos de 1553 e 54: D. Mencia Diaz faleceu depois do ano de 1584.

O pequeno José foi batizado, com 19 dias, na Igreja paroquial de N. S. dos Remédios, em sua cidade natal.

Foi os primeiros estudos em casa, e, em 1548, foi mandado para Coimbra, a fim de se matricular na Universidade. Acerca dessa sua viagem correm duas versões. Uma recolhida por Baltazar Anchieta diz que José viajou para Portugal em companhia de dois irmãos, que dali teriam passado para Flandres, a fim de servir na milícia real, morrendo sem descendência. A outra versão, provinda de Pero Rodrigues, diz que Anchieta foi para Coimbra em companhia de um irmão mais velho, Antonio de Alcantara Machado, refutou as ambas, mostrando como, logicamente, José, que era o filho varão mais velho de João de Anchieta, dificilmente poderia ter um irmão que o regulasse a Coimbra, para estudos, nos 9 ou aos 8 anos de idade.

Na Universidade, deu-se José com ardor aos estudos de Dialética, Filosofia e Letras. Diz-se que ali, diante de uma imagem de Nossa Senhora, na Sé da cidade, fez, certo dia, voto de castidade perpétua.

Era a vocação mística que, com irresistível força, desbrochava na alma do estudante.

Em 1 de maio de 1551, está ele no Colégio de Coimbra; ali encontra ainda vivos os influências da presença de Nobrega, que havia apenas dois anos tinha partido para o Brasil.

A esse tempo, seu estado de saúde não era bom. Já enfraquecido pelo excesso de estudos e pela intensidade das vigílias, tivera a desgraça de cair de uma escada, batendo violentamente nas costelas. Disso lhe ficou o hábito de andar sempre corcovado.

Como chegassem a Coimbra pedidos de mais misso-

nários para o Brasil, ficou resolvido que nova leva seria enviada. Entre esses, figuravam dois que iriam para as terras americanas por motivo de doença — eram os irmãos Anchieta e Gregório Serrão.

Foi assim que, em 8 de maio de 1553, Anchieta deixou o Tejo Viçava, na frota de D. Duarte da Costa, nomeado segundo Governador Geral. Vinham, além dele, o já referido irmão Gregório Serrão, os Padres Luiz da Grã, que logo depois era nomeado colateral de Nobrega, na direção da Província: Braz Lourenço e Ambrosio Pires e mais os irmãos João Gonçalves e Antonio Blasquez. A viagem até a Bahia demorou dois meses, e os Jesuítas ali desembarcaram em 13 de julho daquele mesmo ano de 1553.

Em outubro desse ano, Anchieta, juntamente com os Padres Vicente Rodrigues e Braz Lourenço e o irmão Serrão, fazia-se de novo ao mar, acompanhando o Padre Leonardo Nunes, que fora à Bahia, a mando de Nobrega, para trazer para S. Vicente os novos catequistas. Uma tremenda tempestade fez-lhe naufragar, na altura dos Abrolhos. Conseguindo alcançar a terra, de novo embarcaram, oito dias depois, para o Espírito Santo. Ali ficou Braz Lourenço, e incorporou-se à comitiva Afonso Braz.

Em 24 de dezembro, acham-se eles em S. Vicente. Em janeiro de 1554, saíram a Serra de Parana-placaba, e vão acampar no local escolhido por Nobrega, entre os riachos Tamandui e Anhangabá. Ali, em 25 de janeiro, dia da conversão do Apóstolo S. Paulo, foi dita a primeira missa. Aquela pauperrima e estreitíssima casinha, a que aludia o próprio Anchieta, ia crescer: transfor-

mar-se maravilhosamente, e se tornar a grande cidade, glória do Brasil, uma das glórias da América.

Em S. Paulo, na missão de que era chefe o Padre Manuel de Paiva, coube a Anchieta, como único sabedor de Latim, a tarefa do ensino de Gramática. Entre os seus alunos contou-se o próprio superior.

Mas ele não se contentava em ensinar o que queria era, antes, aprender. Foi assim que, em poucos meses, se tornou apto a falar e entender a língua dos índios, compondo de uma Gramática e um Vocabulário.

E em 1563, que, acompanhando Nobrega, Anchieta realiza um dos feitos mais heróicos desse incomparável poema épico, que foi a existência dos Jesuítas nos primeiros anos do Brasil. Ameaçavam os famoços depredar a Capitania, e urgia uma providência que impedisse tal matimidade. Nobrega deliberou ir e Iperoig, tentar a paz. E Anchieta vai como seu intérprete. Partem a 18 de abril, como "homens morti destinados, não tendo mais conta com a vida nem com a morte". (Anchieta, Carta XIV). Em Iperoig sofreram perigos os mais prementes — os mais atrozes, vendo assassinado e comido um desventurado branco, que tinha caído nas mãos dos índios.

E' em Iperoig, passeando nas areias da praia, que ele compõe, em Latim, o seu poema a Nossa Senhora, poema que só mais tarde, em S. Vicente, valendo-se de uma incrível memória, transportará para o papel.

Em 14 de gosto é firmada a paz com os índios, e Anchieta pode pensar em regressar a São Vicente. Fê-lo com o auxílio de Cunhambeba, e chega a S.

(Cont. na página 44)

## AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, cinco ou seis mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, atinge ao custo de cinco e seis mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização.



PADRE JOSE' DE ANCHIETA  
Tela antiga, existente no Gesù, Roma

## SUMARIO

### PÁGINA 41:

- Notícia sobre José de Anchieta.
- Anchieta, escritor.
- "Autores e Livros" a seus assinantes.

### PÁGINA 42:

- A poesia de Anchieta.
- Ao Santíssimo Sacramento.
- Carta da Companhia de Jesus ao Seráfico São Francisco.
- De S. Maurício.
- Cordelinho Santa.

### PÁGINA 43:

- Os Padres e os Índios, de José de Anchieta.
- Aes-simile da página de texto da "Arte na Gramática" (1.ª edição).

### PÁGINA 44:

- Bibliografia de José de Anchieta.
- A humildade de Nobrega, por Anchieta.

### PÁGINA 45:

- O poeta Deolindo Tavares, de nome Negro-monte.

### PÁGINAS 46 E 47:

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Segunda série — Antologia da Prosa. — XXII — Augusto Meyer.
- Notícia sobre Augusto Meyer.
- Bibliografia de Augusto Meyer.
- Algumas fontes sobre Augusto Meyer.
- De um leitor de romances: Alencar.
- Do "Caderno Azul".

### PÁGINA 48:

- Antologia da Literatura Brasileira.

- A vida dos livros: Manuel Bandeira: "Mafud do Malungo" — Jaime Sahariev — "Picasso, an finalme y a r r a z i" — Paulo Bravet: Palmares pelo avesso.

### PÁGINA 49:

- Páchos das Autores Novecentos XVIII — Selene de Medeiros.
- Centico Pagão.
- Suite.
- A noite sobre nós.
- Alma e charco.
- Lavadeira.
- Nota sobre Selene de Medeiros.
- Monicordo Lobato.
- Curso de Jornalismo, Ética, História e Legislação Jornalística. Ponto 1 — O jornalismo como veículo de ideias e de sentimentos. A ética jornalística. De Múcio Leão.

### PÁGINA 50:

- Homens e Alcas, Os Pescadores, De Othon d'Eça.
- Aos colecionadores de "Autores e Livros".

### PÁGINA 51:

- O Corvo, de Poe. Traduções de Fontoura Xavier, e Americo Lobo.
- José Vieira.
- Um poema de Deolindo Tavares. "Pausa".

### PÁGINA 52:

- O reaparecimento de "Autores e Livros". Carta de Cassiano Ricardo a Múcio Leão.
- Album de Guignard N.º 3 — Ouro Preto — Bairro de Antonio Dias.

## ANCHIETA, ESCRITOR

Observando como homem de letras, Anchieta, pela sua múltipla atividade, enche-nos de asombro. Esse homem fragil, doente, melancólico, é apto a arrotar as tarefas mais duras, e não recua diante de nenhuma delas. Chegando a um mundo desconhecido e rude, adapta-se a ele, compreende-o, ama-o. Com poucos anos do Brasil, era um dos que melhor conheciam os mistérios do Brasil. Desde logo olhou fraternalmente os seus índios, e os estudou a fundo. Soube tão bem a língua deles que escreveu a primeira gramática tupi-guarani. Mas, assim como em pouco tempo lhe foi fácil aprender o tupi-guarani, assim também lhe tinha sido fácil, ainda na Europa, aprender o latim. Conpunha nessas duas línguas e mais em espanhol, e mais em português.

Era poeta e era prosador. Era autor de autos para teatro. E era sobretudo o incomparável catequista.

Essa era, de certo, a manifestação central do seu temperamento. Tudo o mais girava em torno dessa missão, que ele cumpria como uma ordem do céu.

Fôsse assim, embora. Que eximia realização, contudo, soude

(Continua na pág. 45)

# A POESIA DE JOSE' DE ANCHIETA

## AO SANTISSIMO SACRAMENTO

O que pão, é que comida  
O que divino manjar  
Se nos dá no santo altar  
Cada dia.

Filho da Virgem Maria,  
Que Deus Padre cá mandou,  
E por nós na cruz passou  
Crua morte.

E para que nos conforte  
Se deixou no Sacramento,  
Peda dar-nos com aumento  
Sua graça.

Esta divina fogaça  
E manjar de lutadores  
Galardo de vencedores  
Esforçados.

Deleite de enamorados  
Que, com o gosto deste pão,  
Deliciam a deleitação  
Transitoria.

Quem quizer haver vitórias  
Do falso contentamento,  
Gosto deste sacramento  
Divinal.

Este dá vida imortal,  
Este mata toda fome,  
Por que neste Deus a homem  
se contém.

É fonte de todo bem  
Da qual quem bem se emborbeça  
Não tenha medo da queda  
Do pecado.

Oh! que divino bocado  
Que tem todos os sabores...  
Vinde, pobres pecadores,  
A comer.

Não tendes de que temer  
Sendo de vossos pecados:  
Se forem bem confessados  
Isto basta.

Que este manjar tudo gasta  
Porque é fogo gastador  
Que, com seu divino ardor,  
Tudo abraça.

É grão dos filhos de casa  
Com que sempre se sustentam  
E virtudes acrescentam  
De continuo.

Todo al é deserto  
Se não comer tal vianda  
Com que a alma sempre anda  
Satisfeita.

Este manjar aproveita  
Para vícios arrancar,  
E virtudes arraijar  
Nas entranhas.

Suas graças são tamanhas  
Que se não podem contar  
Mas, bem se podem gostar  
De quem ama.

Sua graça se derrama  
Nos devotos corações  
E os enche de benções  
Copiosas.

Oh que entranhas piedosas  
De vosso divino amor!  
Oh meu Deus e meu Senhor  
Humanado!

Quem vos fez tão namorado  
De quem tanto vos offende?  
Quem vos ata, quem vos prende  
Com tais nós?

Por caber dentro de nós  
Vos fazeis tão pequenino  
Sem o vosso ser divino  
Se mudar.

Para vosso amor plantar  
Dentro em nosso coração,  
Achastais tal invenção  
De manjar.

Em o qual nosso pedar  
Acha gostos diferentes  
Debaldo dos accidentes  
Escondidos.

Uns são todos incendiados  
Do fogo de vosso amor;  
Outros cheios de temor  
Filla!

Outros, com o celestial  
Lume deste sacramento,  
Acançam conhecimento  
De quem são.

Outros sentem compaixão  
De seu Deus que tantas dores  
Por nos dar estes sabores  
Quis sofrer.

E desejam de morrer  
Por amor de seu Amado  
Vivendo sem ter cuidado  
Desta vida.

Quem viu nunca tal comida  
Que é o sumo de todo bem  
Al de nós que nos detem  
Que buscamos!

Como não nos enfraqueçamos  
No deleite deste Pão  
Com que o nosso coração  
Tem fartura??

Se buscamos formosura  
Neste está toda medida:  
Se queremos acabar vida  
Esta é.

Aqui se refina a fé  
Pois debaixo do que vemos,  
Estar Deus e home cremos  
Sem mudança.

Acrecenta-se esperança  
Pois na terra nos é dado  
Quanto nos céus guardano  
Nos está.

A claridade que lá  
Há de ser aperfeiçoada  
Deste pão é confirmada  
Em pureza.

Dêe nasco a fortaleza  
Ele dá perseverança  
Pão da bem-aventurança,  
Pão de glória.

Deixado para memoria  
Da morte do Redentor,  
Testemunho de seu amor  
Verdadeiro.

Oh! mansíssimo cordeiro,  
Oh! menino de Belém,  
Oh Jesus, todo meu Bem,  
Meu Amor!

Meu Esposo, meu Senhor  
Meu Amigo, meu irmão,  
Centro do meu coração,  
Deus, e Pai!

Pois com entranhas de mãe  
Quereis de mim ser comido?  
Roubai todo meu sentido,  
Para vós.

Com o sangue que derramastes,  
Com a vida que perdestes,  
Com a morte que quísteis  
Padecer.

Morra eu, por que viver  
Vós possais dentro de mim  
Ganhai-me, pois, que perdi,  
Em amar-me.

Pois que para encorporar-me  
E mudar-me em vós de todo  
Com um tão divino modo  
Me mudais.

Quando na minha alma entras  
E dêe fazeis sacrário,  
De vós mesmo é relicário  
Que vos guarde.

Enquanto a presença tanta  
De vosso divino rosto  
O saboroso, e doce gosto  
Deste pão,

Seja minha refeição,  
E todo o meu apetite,  
Seja gracioso convite  
De minha alma.

Ar fresco de minha calma,  
Fogo de minha frieza  
Fonte viva de limpeza,  
Doce beijo,

Mitigador do desejo,  
Com que a vós suspiro e sêma  
Esperança do que temo  
De perder,

Pois não vivo sem comer  
Como a vós, em vós vivendo  
Viva a vós a vós comendo  
Doce amor.

Comendo do tal penhor  
Nêta tenha a minha parte  
E depois de vós me forte  
Com vós ver.

Amen.

## Carta da Companhia de Jesus ao Serafico S. Francisco

Depois de tudo crendo  
Por conta, peso e medida  
Disse Deus: — Seja formado  
O homem, como traslado  
De nossa imagem subida.  
E creou  
A Adão, a quem dotou  
Da semelhança divina;  
Mas foi tal sua noflina,  
Que mul depressa manchou  
Aquela imagem tão dina.

Mas Christo, Deus humanado,  
Glorioso São Francisco,  
Para limpar o traslado,  
Que Adão tinha manchado,  
Pondo o mundo em tanto risco.  
Quis pintar  
E consigo confirmar  
A voz de dentro e de fora,  
Com graça tão regular,  
Que vos podemos chamar  
Homem novo, em que Deus  
Imora.

O famoso patriarcho,  
O illustre capitão,  
Da segunda religião,  
Dentro da qual, como na acção,  
Se salva o povo cristão,  
Vós sois aquele varão  
Chio de justiça e le  
E de toda a perfeição  
Figurado com razão  
No justo e santo Noé.

Nos fez a grande arca  
Em que o homem racional  
Junto com o bruto animal  
Escapasse, como em barca  
Do dilúvio universal.  
Vós, por ordem divina  
Na religião que fizestes,  
A bons e maus recebestes,  
E livres d'agua mortal  
A Deus vivo oferecestes.

Vós sois o grande Varão  
Que de Deus fortes achado,  
Segundo o seu coração;  
E no pai de Salomão  
Altamente figurado,  
O qual como desprezado,  
Por ser o filho menor,  
Sendo de ovelhas pastor,  
Apascentara seu gado  
Com grão cuidado e amor.

David, com grande vigor  
Um leão tão carnívoro  
E um vosso roubador,  
Qual gigante espadador  
Matou com ser ovelheiro  
Este tal por derradeiro.  
Deu o fez rei de Israel,  
Salvando o povo fiel.  
Por este grão cavaleiro  
De toda a gente cruel.

Vós vos tendes por menor,  
Tendo a todos por maiores,  
E maior dos pecadores;  
Tendo-vos Deus por maior  
De todos seus servidores.  
Fex-vos pastor dos menores:  
Uns dos quais foram cordeiros  
Mas mul fortes cavaleiros,  
Outros, do gado pastores  
E gulas, como canibais.

Concedeu-vos tal poder,  
Que leão, urso e gigante,  
Matareis forte e constante,  
Mundo, Carne e Lucifer  
Destruindo mul possan'e.  
Tal capitão gigante  
Aumentou-se fe e lei  
Da Igreja militante,  
E vos já na triunfante  
Sois coroado, sois rei!

Trepando sem nenhum medo  
O príncipe Jonathas  
Com seu criado detrás  
Por um aspero penedo,  
Acançou victoria e paz,  
Cometendo

O exército tremendo  
Dos amigos do repente,  
E com ânimo valente  
Suas forças defendendo  
Salvou toda sua gente.

## De S. Mauricio

Oh Mauricio capitão  
Cuja gloriosa fama  
Resplandece como a flama  
Que lume sem diluição  
Por todas partes derrama.

Vossa vida e morte clama  
Nossas almas uespervando  
Para que vivam honrando  
A Deus que tanto nos ama  
Sua santa lei guardando.

Quando o Imperador da terra  
A seus deuses quis honrar,  
Obrigou a sacrificar  
Os soldados que na guerra  
Com ele haviam de entrar.

Mas vós, para glória dar  
A Deus todo poderoso,  
Vosso esquadrão mimoso  
Fizestes logo apartar  
De trato tão pernicioso.

Se quisermos honra ter,  
Muita, o mundo promettera,  
Mas a vossa fidalguia  
So daquele eterno ser  
Do sumo Deus dependia.

Por isso, com alegria  
O vão mundo desprezastes  
Com o que nos ennuistastes  
Fazer dele zombastes.  
Como vós dele zombastes.

Vossos seis mil e seiscentos  
E sessenta e seis soldados,  
Por vós foram animados  
Para serem com tormentos  
Com a morte coroados.

Para serem degolados  
Cada um queria ser  
O primeiro, sem temer  
Os cutelos aguçados,  
Com furia de Lucifer.

Oh valoroso esquadrão!  
Oh gente vitoriosa!  
Oh victoria gloriosa!  
Oh fortissima legião!  
Oh companhia generosa!

Vossa morte preciosa  
É honra do gram Jesus  
E daquela vila vossa  
Defensão mul poderosa  
E espanto de Belzebú.

Vossa vida, S. Mauricio,  
E dos vossos que perdestes,  
Quando pela fe inmortes,  
Foi um vilo sacrificio  
Com que a Deus engrandecestes.

Com tais mortes merecestes  
Triunfos mul gloriosos  
E que vossos fortes ossos  
Que defender não quíseis  
Sejam defensores nossos.

Oh divinos baluartes  
Que vossos fostes rendidos  
Ponto que mul combatidos  
Com muitas forças e artes  
Mortos, mas nunca vencidos.

Pedimos ser recebidos  
Com amor dentro de vós,  
Porque o inimigo feroz,  
De que somos perseguidos,  
Seja vencido de nós.

O pecado nos dá guerra  
Em todo o tempo e lugar;  
E pols quísteis morrer  
Nesta nossa pobre terra,  
Ajuda-nos sem cessar.

Porque, cessando o peccar,  
Cessarão muitos vexares  
Com os ereges Franciscas  
Nos poderão apertar,  
E luteranas Inglesas.

Martyres mul esforçados  
Pois sois nossa defensão,  
Defendei com vossa mui  
Vossos filhos e soldados  
Que idos são ao Serão.

Procurai-nos a saúde  
Com que a Deus servir poseamos  
E no coração tenhamos  
O puro amor da virtude  
E sem pecado vivamos.

Das novidades sejamnos  
Providos sem carastia  
E vossa capitania  
Livre do que receamos  
Vos honre com alegria.

## Cordeirinha Santa

Cordeirinha Santa  
De Jesus querida  
Vossa santa vida  
O diabo espanta

Com isso vos canta  
Com fraca o povo  
Porque vossa vida  
Lhe dá lume novo

Cordeirinha linda  
Como folga o povo  
Porque a vossa vida  
Lhe dá lume novo

Nossa culpa escura  
Fugirá depressa  
Pois vossa cabeça  
Vem com luz tão pura.

Vossa formosura  
Honra é do povo  
Porque vossa vida  
Lhe dá lume novo.

Santa padeirinha  
Morta com cutelo  
Sem nenhum farelo  
De vossa farinha.

Ela é mensinha  
Com que sala o povo  
Que com vossa vida  
Terá trigo novo!

O pão que nassastes  
Dentro em vosso peito  
E o amor perfeito  
Com que a Deus amastes.

Desta vos fartastes  
Destes dáis ao povo  
Porque deixei o velho  
Pelo trigo novo.

Não se vende em praça  
Deste pão da vida  
Porque é comida  
Que se dá de graça.

O precioso massa  
O que pão tão novo  
Que com vossa vida  
Quer Deus dar ao povo!

Virginal cabeça  
Pela fé é cortada  
Com vossa chegada  
Já ninguém pereça.

Vinde mul depressa  
Ajudas ao povo  
Pois com vossa vida  
Lhe dáis lume novo

Vós sois cordeirinha  
De Jesus formosa.  
Mas o vosso esposo  
Já vos fez rainha

Também padeirinha  
Sois de vosso povo  
Pois com vossa vida  
Lhe dáis trigo novo

Não é dalciteje  
Este vosso trigo  
Mas Jesus amigo  
E vosso desejo

Vosso porque seja  
Que este nosso povo  
Não anda faminto  
Deste trigo novo

O que doce bolo  
Que se chama graça!  
Quem sem ele passa  
É mul grande tolo,

Homem sem miolo  
Qualquer deste povo  
Que não é faminto  
Deste pão tão novo.

(M. Gonzaga Cabral — J. sultas no Brasil, p. 161)





## BIBLIOGRAFIA DO PADRE JOSE' DE ANCHIETA

— Arte de Gram- / mática da língua / mais usada na costa do Brasil / pelo padre Joseph de Anchieta da Companhia de / Iesv. / Com licença do Ordinário & do Preposito geral / da Companhia de Iesv. / Em Coimbra per Antonio de Mariz, 1595. / in-8.º — peq. 1 fl. de título e 58 fls. num. (E de toda a variedade, illz J. C. Rodrigues).

— Arte de Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil, novamente dada a luz por Julio Platzmann — Edição fac-similária Stereotipa — Leipzig Trubner — 1847.

— Grammatica der Brasilianischen Sprache, mit zugehöriger Grammatica der Anchieta, herausgegeben von Julius Platzmann. Leipzig — E. G. Trubner — 1874 — 8.º — XIII — 178 pgs.

— G. Margravia — De linguae Brasiliensis e grammatica, P. Josephi de Anchieta — p. 274 de Historiae resumptae Brasiliae.

— Nadir Reind — De lingua Brasiliensis ex Grammat. — Anchieta — In Dissertationes Miscellaneae. I. III, p. 175.

— Arte de Grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil pelo P. Joseph de Anchieta. Edição da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, feita pelas estereotipias da edição Platzmann, de 1876, fac-similária da edição princeps de 1595.

Teve outra edição, em 1948, na Editora Nacional do Rio de Janeiro.

— De Beata Virgine Dei Matris Maria. E um poema de 2.086 disticos. — In Cronica do Brasil, do P. Simão de Vasconcelos S. I. In Vida do Ven. P. Joseph de Anchieta, do mesmo autor.

— Vita Beatissima Virginis Maria, a Josepho Anchieta, Lusitano Societatis Jesu, ex-voto composita. Ms. do sec. XVII, 12.º com aprovação do P. I. Renandina. (Cat. Boulard, 4.ª parte, p. 131, n. 26).

— Poema Marianum — Autore Venerabili P. Josepho de Anchieta Lacunensis Sacerdote Professo Societatis Jesu, Apostolo Brasiliensi nuncupato — Ano MDCCCLXXXVII Typis Vincenti a Bonnet, in Urbe Sanctae Crucis (Tenerife) 8.º — 176 ps.

— Breve Officio de la Immaculada Concepcion de la SS. Virgine, escrito en versos sagicos latinos por el V. P. José de Anchieta, S. I., traducido al Buskano en el mismo metro por el P. José de Arana — Na Euskal-erria, revista bascongada, t. VIII (San Sebastian, 1883).

— De Beata Virgine Poema da Virgem, composto por José de Anchieta quando refem dos selvagens em Iperoig. Texto latino. Versão portuguesa do Pe. Armando Cardoso, S. I. — Edição do Arquivo Nacional — Rio — 1940 — XLVI — 441 pgs. Traz uma Nota preliminar, de C. Vilhena de Moraes, diretor do Arquivo Nacional, uma Introdução do Padre A. Cardoso, o texto latino do poema, a tradução em ritmos, feita sobre o texto contemporâneo do manuscrito de Algora.

— Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta publicadas por Capistrano de Abreu e Vale Cabral Imprensa Nacional — Rio —

1886 — 8.º — XVI — 84 ps.

— Cartas de Algunos padres y hermanos de Companhia de Jesus, que escreveron de la India, Japon y Brasil a los padres y hermanos de la misma Companhia en Portugal, trasladadas de portugues al castellano — Fueron recebidos al año de mil y quientos y cincuenta y cinco — Lisboa, por Juan Alvares — 1555, 3.ª ed. 33 vols.

Ha duas cartas de Anchieta.

— Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro — t. 3, p. 316-323.

Vêm as duas cartas do Padre Anchieta acima referidas.

— Cartas do Padre Joseph de Anchieta (1554-1607) — Publicadas por Teixeira de Melo — Imprensa Nacional — Rio — 1826.

— Cópia de uma carta para o padre-mestre Diogo Laynez, preposito geral em 16 de abril de 1583 (tradução do espanhol pelo conego Januario da Cunha Barbosa, do ms. que se acha na Biblioteca Publica desta Corte — Rev. do Inst. Historico II, 541, (2.ª ed.).

— Carta escrita da Bahia de Todos os Santos ao Dr. Jacome Martins, provincial da Companhia de Jesus, em 9 de julho de 1565 — Rev. do Instituto Historico, III, 248.

— Informação dos casamentos dos Indios do Brasil, rev. do Instituto Historico, VIII, 254.

— Poemas do Veneravel Padre José de Anchieta, escritas em tupi, castelhano, latim e português — Rio — 1884 — 146 ps. (Cat. dos ms. do Instituto Historico e Geografico Brasileiro).

— Poemas del venerable P. José de Anchieta, escritas en lengua tupi. (Seguidas de una traduccion portuguesa, del P. Juan da Cunha.) Copiadas de un ms. autentico existente en los Archivos de la Companhia de Jesus en Roma por el Dr. José Franklin Massena e Silva — Roma — 1863 — 8.º — 18 ps. E um drama intitulado Jesus na festa de São Lourenço.

— Poesia em lingua Tupi, por el P. Joseph de Anchieta — Copiada por J. Franklin Massena — Roma, 6 de Diciembre de 1863. Traducido al portuguez por el P. Juan da Cunha — 8.º — 8 ps.

— Melo Moraes Filho — Curso de Literatura — 2.ª ed. — Rio — 1882.

Insera Da Ressurreição e outras poesias de Anchieta.

— Primeiras letras — Classicos Brasileiros. Publicações da Academia Brasileira — 1923. Contem Cartas de Anchieta — O Diálogo de João de Lery — Trovas Indigenas.

— Santa Ines — in Je- nitas no Brasil do Padre Gonzaga Cabral, que declara transcrevê-la ao livro de Francisco Rodrigues — A Formação Intelectual do Jesuita. O Padre Cabral refere-se a um codex ms. e em boa parte autógrafo de Anchieta, descoberto pelo padre Francisco Rodrigues. A essa coleção inédita é que pertence a poesia acima mencionada.

— Anibal Malos — José de Anchieta (Como se comemorou o seu IV Centenario em Minas Gerais). Belo-Horizonte — 1935. Transcreve numerosos trabalhos de prosa e verso de



Retrato de Anchieta. E' considerado o mais antigo e fiel de tantos se conhecem. Tabula da primitiva Provincia da Companhia de Jesus no Brasil, conservada no Colegio de São Luiz, da cidade de São Paulo

Anchieta, além de muitos estudos sobre o padre.

— Secção sobre a Conversão de São Paulo — Revista Trimestral do Instituto Historico — t. LIV — (1892).

— Cartas, informações, fragmentos inéditos e sermões, do Padre Joseph de Anchieta, S. J., 1554-1594.

— 1933, Civilização Brasileira, S.A. Rio de Janeiro. 1933. In 8.º, 242 x 167, 587 pgs. com gravuras no texto e fóra do texto e retratos de Anchieta na frontispício. Contem: "Nota Preliminar", de Afranio Peixoto; a "Obra de Anchieta no Brasil", de Capistrano de Abreu; "Introdução", de Afranio Peixoto; "Bibliografia do Padre Joseph de Anchieta, S. J.", por Carlos Sommervogel, S. J.; "Cartas, informações, fragmentos e sermões de Anchieta", e "Vida do Padre Joseph de Anchieta", de Antonio Alcantara Machado; Índice.

— Nobrega e outros — 61 pgs. — Coleção Brasileira de Divulgação — S. D. do M. E. S. — 1945. Encerra estudos biográficos sobre: Manoel da Nobrega, Diogo Jacome, Manoel de Paiva, Salvador Rodrigues, Francisco Pires e Gregorio Serrão.

## A HUMILDADE DE NOBREGA

Anchieta

"No tratamento pessoal era necessário terem cuidado dele, porque ele o não tinha de si. Segue sempre a comunidade sem singularidade alguma, salvo para mais estreiteza. Era de pouco comer; e ainda que de comida delicada, nenhum trabalho recejava, como andar sempre a pé por caminhos muito asperos de matos e serras, com grandes frios, chuvas e alagadiços. E às vezes, por não poder com o peso da roupa, caminhava sem ela, por escusar-seu levado às costas alheias. Seu vestido era o pior e não podia trazer roupa nova, sendo velha e remendada e sem uso de mantê-lo, porque então pela muita pobreza o não havia.

Quando andava fora de casa, de toda pessoa que lhe offeria a pouca ou aceitava de boa vontade, e jantava e dormia ali todo o tempo que era necessa-

rio, assim por ser esmola, como porque com isso ganhava a vontade de todos; a uns para se tirarem do mau estado e a outros para no seu viverem conforme a lei de Deus e serem mais prontos para boas obras. Em especial usava disto com um vigário muito velho e honrado, que conformava pouco com o proceder da Companhia no governo de suas ovelhas, que achavam nele refúgio para suas consciências, com pouco escrupulo da verdade que dos Padres ouviam e criam. Com isto pouava muitas vezes e recebia suas esmolas, advertindo-o do que tocava à sua consciência e de suas ovelhas. E tendo ele alguns tempos impedimentos de enfermidade e outros, supria o padre Nobrega por si e pelos Padres nas missas e em tudo mais por ele e depois pondo-lhe embargo em sua paga pelos

## NOTICIA SOBRE JOSE' DE ANCHIETA

(Continuação da pág. 41)  
Vicente em meados de setembro.

Em janeiro de 1565, acompanhando Estácio de Sá, que vinha de Bertioiga conquistar aos franceses o Rio de Janeiro.

Em 31 de março, deixava o Rio de Janeiro e ia, com João de Andrade, para a Bahia, a fim de receber suas ordens sacras. Faz um curto estágio no Espírito Santo, onde, a mando de Nobrega, visita a casa da Companhia e as aldeias dos Indios, e prossegue na viagem.

Na Bahia, recebido pelo provincial Luiz da Grã, foi ordenado pelo Bispo D. Pedro Leitão.

Em janeiro de 1567 está de novo no Rio, e é agora auxiliar de Nobrega na direção do Colégio. Pouco tempo ali permanece porém, pois, em outubro daquele mesmo ano, já se encontra em S. Vicente, com o cargo de superior.

Em 1573 foi eleito Reitor do Colégio do Rio de Janeiro. O provincial Inácio de Tolosa, entretanto, resolveu conservá-lo na direção de S. Vicente, tamanha era a utilidade da sua presença ali.

Em 78, era nomeado provincial, circunstância que veio tornar ainda mais ásperas e mais trabalhosas as aspérrimas e trabalhosas tarefas a que se impunha. Percorreu, então, todas as residências da Província, visitando Pernambuco, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente.

Não se sentia com forças para continuar no cargo de provincial, e o depois, em 1585, nas mãos do visitador Cristóvão de Gouveia.

Não quis isto dizer que ele fosse descansar. E seus trabalhos de catequista continuaram com a mesma intensidade anterior. Em 86, foi enviado para o Rio de Janeiro; em 87 para o Espírito Santo.

Em 92, assistiu na Bahia à congregação provincial, que elegeu o Padre Luiz da Fonseca procurador em Roma. Da Bahia regressou ao Espírito Santo. Fez novas visitas ao Rio de Janeiro e a São Vicente e retornou sempre às terras espirito-santenses. Nomeado superior da casa daquela Capitania, ali ficou até 95.

Ao deixar a direção da casa, foi para Bertioga, levado, em atenção à sua idade e aos seus achaques, nos ombros dos Indios. Em meio da viagem, porém, os despediu, e alcançou Bertioga, a pé. Deu-se, então, a uma ocupação que muito o encantava: a de escrever a

oficiais d'El-Rei lhe fizesse pagar tudo.

Com estas boas obras o vigário se chegava cada vez mais aos Padres, até que já no cabo da vida fez uma confissão geral com um deles e por seu conselho deixou muitos meses de dizer missas, por ser frênilo pela muita velhice e fazer o mais do seu officio, deixando tudo aos Padres, e com isto acabou em paz, com muita edificação de todas as suas ovelhas, que com esta ocasião se deixavam também reger pelos da Companhia. Era o padre Nobrega em suas enfermidades muito paciente, dando pouca ocupação e trabalho aos irmãos e como sua última idade foi uma continua doença, esta passou alguns anos com muita falta de remédios temporais. E abraçado com esta pobreza deu com muita paz seu espirito ao Senhor."



biografia dos jesuitas mortos no Brasil. Embora se encontrasse gravemente enfermo, foi chamado à casa da vila, e recebeu o encargo da direção dessa casa e das residências do Espírito Santo, exercendo-o durante 8 meses.

Ao se ver livre de tal encargo, voltou à Reritiba. Adoeceu de novo — ou, antes, tomaram novo aspecto de gravidade seus antigos males. Por ordem superior, voltou à vila, a fim de ver se encontrava algum alívio para seus terríveis padecimentos. Não os encontrou, e preferiu passar os últimos dias da sua vida em Reritiba.

Três semanas depois — era um domingo, 9 de junho de 1897 — ocorreu o seu falecimento. Assistiram-no cinco religiosos, seus companheiros, amigos, discípulos.

Era necessário conduzir o corpo deste Reritiba para a vila do Espírito Santo. A distância era de 18 léguas.

O corpo foi colocado em um caixão de madeira, e conduzido no ombro dos índios. À frente, era levada a Cruz alçada. Seguiam o caixão o Padre João Fernandes, revestido de alva e estola, e os habitantes da aldeia, que cantavam cânticos fúnebres.

No Espírito Santo, o corpo foi depositado na igreja da Companhia, e no dia seguinte (que era uma quinta-feira, 13), celebrou-se missa cantada. Findas essas cerimônias, foi o caixão sepultado na Capela de S. Tiago, ao lado do túmulo do irmão Gregório Serrão. É patrono da Academia Espírito-santense de Letras.

## Um documento precioso da historia anchietana



Página 220 do autografo do grande sacerdote e poeta

## ANCHIETA, ESCRITOR

(Continuação da pág. 41)

de dar, de vez em quando, ao seu gênio de escritor! Como poeta, temos nele o primeiro dos nossos cantores religiosos. Ele é o devoto da Senhora dos Anjos e compreendemos que somente quando se dirige a ela é que sua alma encontra os acentos mais altos e mais puros da ternura.

Como poeta místico, deixou de uma das obras mais consideráveis das letras brasileiras, o seu poema "De Santa Virgine", o qual, segundo a tradição, já era escrito na areia da praia, quando Anchieta se achava prisioneiro dos índios, em Iperóia. É outra demonstração do seu culto a Maria, culto que constitui, de certa forma, a explicação de sua obra, e mesmo de sua figura literária.

Como prosador, seus serviços foram também inestimáveis. Além da "Arte da Gramática da língua mais usada na Costa do Brasil", compôs as numerosas informações "Os sermões", que constituem verdadeiras fotografias das regiões em que andou. E compôs também as biografias dos seus companheiros de Ordem a de Nóbrega, a de Diogo Jacome, a de Manuel de Parua, a de Gregório Serrão, a de Francisco Pires, a de Salvador Rodrigues.

Resta ainda mencionar a sua atuação no teatro. Seus autos são todos, sem dúvida, de assunto ingênuo e místico, e continha que assim fosse. Anchieta compunha-os para a mentalidade infantil e imaginosa do indígena, com o único fim de transformar o seu teatro em um instrumento da catequese. Convinha, pois, botar o diabo em cena, sempre vencido pelos anjos e pela Igreja, continha botar sempre em cena a virtude vencedora do vício, justicando a iniquidade, desbaratando e punindo o crime.

Era esse o trigo novo, que das mãos da Santa Fideirinha dos seus meios versos, ele ia distribuindo pelos sertões do Brasil.

E há, ainda, outro aspecto em que ele foi um desbravador de caminhos: o do homem de ciência. Sem querer dar às palavras um sentido absoluto, podemos dizer que Anchieta foi o criador da Medicina brasileira. Seus biógrafos o mostram possuído de um extremo sentimento de caridade, fazendo sangrias quando era preciso fazê-las, amolando o canivete para realizar operações, quando se tornava necessário um cirurgião, cuidando das mulheres que davam a luz, arranjando uma uzeirinha para cada enfermo. Em suas cartas encontramos-se a cada momento traços de um espírito médico. Ele examinava as enfermidades com que se defrontava, examinava-as e descrevia-as. E aplicava muita vez a maneira como as curar. Para o cancro, por exemplo, que é de tão difícil cura na Europa, têm os índios uma terapêutica certa. Como? Com o fogo. Quemam com barro fervente os braços do cancro, e este cai como um fruto podre.

A esse médico prático, que, sentimos, assimilava com extrema facilidade os processos de cura dos indígenas, e que se deve a fundação da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Vê-se que Anchieta foi um extraordinário iniciador na vida mental do Brasil. Foi o nosso primeiro poeta, e isso em várias modalidades da poesia, na lírica, na religiosa, e acaso na épica, pois o "Poema da Virgem" não se acha longe de ser uma epopéia. Foi o criador do nosso teatro. Foi o iniciador dos estudos gramaticais do tupi-guarani. Foi o primeiro que escreveu a biografia dos seus insignes companheiros de ação catequística, entendendo assim, na camada inicial de nossa cultura, o elemento primeiro que mais tarde há de servir para a reconstituição da vida do primeiro Brasil.

## O POETA DEOLINDO TAVARES

ROMEUE NEGROMONTE

A primeira vez que escrevemos sobre Deolindo Tavares foi para verberar o procedimento do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife que, tendo prometido inúmeras vezes a edição do livro de poemas do colega morto, até então nenhuma iniciativa havia tomado nesse sentido. Foi em 1945, e dirigíamos no Recife uma revista a que demos todo o entusiasmo da nossa adolescência, de provinciano sedento de cultura: um mensário de divulgação cultural que se chamava "Região". Nas páginas dessa revista, lançamos o nosso protesto contra a injustiça que se estava cometendo em olvidar o valor que representava naquele momento a publicação do livro de poemas de Deolindo, e pedimos aos colegas que se encontravam à frente do Diretório da nossa Escola que salvassem a responsabilidade do grupo que havia incluído aquela publicação no programa com que se apresentou à luta eleitoral em princípios de 1944. O nosso protesto repercutiu dentro da Faculdade, e os responsáveis pelo retardamento da edição do livro prometeram enviar todos os esforços para que se concluisse a tarefa com a maior brevidade.

Hoje, passados 3 anos, voltamos a escrever sobre Deolindo Tavares, notando com tristeza que o nosso protesto emitido há tanto tempo permanece atualíssimo, como se tivesse sido escrito agora. Nada mudou de lá para cá. Os poemas de Deolindo permanecem ainda, muitos deles inéditos, esparsos quase todos, exceto os que Múcio Leão pôde publicar neste AUTORES E LIVROS, na sua fase de suplemento literário de "A Manhã". Em 1945, poemas que eu curo situar entre os mais belos que já se escreveram na

nossa literatura. Múcio dedicou todo o suplemento a Deolindo, publicando, além de quase cem poemas inéditos do jovem escritor, todos os artigos que conseguiu sobre a sua obra literária, e mais os seus vários retratos e as notícias da sua morte. Foi negativamente a melhor tentativa feita para a compreensão de Deolindo Tavares, a melhor contribuição que já se prestou à divulgação da sua obra e à projeção do seu talento.

O Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, que tem sido tão prodígio nas despesas com superfúndas, confessa que não dispõe de meios para a edição prometida. E não toma qualquer providência no sentido de se resolver esse impasse. A situação continua a mesma. Deolindo, seis anos após a sua morte, permanece ainda um nome obscuro, não havendo quase esperança de o trasermos tão cedo ao conhecimento do público brasileiro. E isto constitui uma injustiça gritante. Porque não se trata abolutamente de um poeta mediocre que nos inspirasse simpatia só por ter desparecido no início da sua carreira intelectual. O contacto com os seus poemas, e só isso, foi que nos trouxe a admiração que realmente devotamos à sua figura genial. A leitura dos seus numerosos poemas, daqueles poemas que, segundo a opinião de Gilberto Freyre, foram escritos da mesma forma que os de Manuel Bandeira — "como quem chora", "como quem morre" — a proximidade desses poemas foi que nos fez um batalhador incansável contra a inércia dos colegas que tinham a obrigação de projetar a obra do poeta, e até hoje não o fizeram.

Poemas como aqueles do ci-

cio do "Willy Mompou", que Múcio Leão teve oportunidade de divulgar, alguns deles dos mais lindos que ele escreveu, e todos eles de um sentido estranho e grandioso; versos como "O despertar de Mompou", o "Willy espia o banho de Judith", o estupefato "Poema a uma infante defunta", o "Retrato de Willy Mompou, o poeta louco", onde Deolindo diz coisas estranhas e belas como esta: "É preciso que saibais que o corpo do poeta tem a forma de um atadeu"; permanecem até hoje arquivados à espera de uma publicação que já nem podemos ver mais adiante.

O poeta Jorge de Lima, como vimos numa correspondência de Deolindo Tavares para um seu amigo de Pernambuco, teve a intenção de, mesmo em vida do companheiro mais moço, patrocinar uma edição dos seus poemas. Creemos que é chegado o momento de lembrarmos que a sua iniciativa ainda continua atual. Porque não podemos conceder que isto persista por mais tempo. Que continue relegada ao esquecimento, por inércia dos responsáveis somente, toda a obra literária de um jovem poeta que já poderia ter sido consagrado como um dos maiores de quantos têm passado pela história da nossa literatura.

Aqueles de sua idade, que foram seus colegas, e nós os de uma geração mais nova, sobre quem — a opinião de Gilberto Freyre — o poeta Deolindo exerceu e continuará a exercer uma grande influência, temos uma missão a cumprir: a de trabalhar para que seja publicado o mais breve este livro de que tanto se falou. Então, se conhecerá o espírito de Deolindo Tavares, e se perceberá a profundidade de sua poesia.

## Um poema de Deolindo Tavares

PAUSA

Neste meu simples quarto de estudo penso muitas vezes onde idas habitar depois de mim, livros de meu agrado, retratos familiares ou de amigos, canetas e lapis com que escrevo; e o retrato de meu pai onde irá orlão de mim? Em que antiquário se cobrirá de poeira entre coisas profanas? Que destino tomará a mesa em que escrevo, a cadeira etc.

que me sento e em que doces pessoas amadas repousaram? Onde passarão a habitar os gestos, os olhares, o contacto dos séres que dormitam colados a essas coisas? a mão em lys da que numa tarde polsou no espalhar, e ia tocar o poema e o interrompeu em meio? E os sons das músicas queridas? e as vozes doces que vinham dos sonhos agitados e que alta noite penetravam pela janela aberta? Tudo isto orlão de mim sem teto e sem repouso, irá procurar-me em minha tumba ou ulvar pelos caminhos ertos ou vagar como cadáveres de insetos?

Neste meu simples quarto de estudo, penso nos olhares dos que me quizeram bem, nas restes que a claridade me enviou, nas sombras que me envolveram de mistério na ventania que uma noite veio do alto mar com o véu de uma desconhecida atirada nas águas.

Neste meu simples quarto de estudo, penso nas flores murchas entre as páginas dos livros ou mágica lágrima embebida nas letras, nos traços que sublinharam as frases mais amadas, nos pequenos insetos mortos sob minha lâmpada. Todas estas coisas orlão de mim, sem repouso e sem teto, ficarão como sonâmbulos, como arlequins de luto?

Neste meu simples quarto de estudo, penso nas presenças que moram atrás dos vidros ou da penumbra diáfana

nos mais puros estados d'alma que pairam atrás das sombras amigas — mágicas que existem atrás de clumes, desenganos que surgiram atrás de grandes renúncias, olhares que seguem passos inquietos na noite. Todas estas coisas orlão de mim, sem repouso e sem tetos, ficarão soluçando com frio nos parques sem árvores,

Deste meu simples quarto de estudo vejo meus sapatos caminhando na chuva. O senhor mendigo, presta atenção para não molhar os pés!

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

## Segunda Série — Antologia da Prosa — XXII - AUGUSTO MEYER



Augusto Meyer

### Nota biográfica

Augusto Meyer Junior nasceu em Porto Alegre, em 24 de janeiro de 1902. Fez-se professor de literatura do Curso Pre-Jurídico da Faculdade de Direito do Porto Alegre e diretor da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Vindo para o Rio de Janeiro, tem dirigido, desde 1938, o Instituto Nacional do Livro.

Pertence, no Rio Grande do Sul, à Fundação Eduardo Guimarães e ao Instituto Histórico. Tem colaborado em diversos jornais e revistas, como, no Rio Grande do Sul, o "Correio do Povo", e, no Rio de Janeiro, a "Revista do Brasil", "O Jornal", AUTORES E LIVROS, etc. E casado com a poetisa Sara Sousa.

### Bibliografia de Augusto Meyer

— **Ilusão perdida.** Versos — Porto Alegre — 1923.  
— **Coração Verde** — Versos — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1924.  
2.ª edição.  
— **Giraluz** — Versos — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1928.  
— **Dois Orações** — Livraria do Globo — Porto Alegre, 1928.  
— **Poemas de Bilú** — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1930.

— **Literatura e Poesia** — Prosa — Porto Alegre — 1931.  
— **Machado de Assis** — Ensaio crítico — Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.  
— **Prosa dos Pagos** — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1943.  
— **A Sombra da estante** — Ensaios — Livraria José Olympio, Rio — 1947, 237 pgs.

### Algumas fontes sobre A. Meyer

Agripino Grieco, **Evolução da poesia brasileira**, Rio de Janeiro.  
Agripino Grieco, **Gente nova do Brasil**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1935, p. 328.  
Alvaro Moreyra, **Coração Verde**, in Para Todos, 12 — fevereiro — 1927.  
Andrade Murici, **A nova literatura brasileira**, Porto

Alegre, Livraria do Globo, 1936, p. 33.  
Andrade Queiroz, **Poesia Nova**, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 30 — setembro — 1928 (sobre "Giraluz").  
Antônio de Alcântara Machado, **Dois poetas**, in Revista de Antropologia, Ano I, No. 6, outubro de 1928 (sobre "Giraluz").

Atos Damasceno Ferreira, **Análise spectral de Machado de Assis**, in Dom Casimiro, 15 — outubro — 1938 (sobre "Machado de Assis").  
Cato Tércio, **O riso e o "humor"**, in "Machado de Assis", estudo e ensaios publ. pela Federação das Academias de Letras do Brasil, Rio de Janeiro, F. Briguet & Cia., 1940, p. 231 (sobre "Machado de Assis").  
Carlos Dante de Moraes, **Viagens Interiores**, Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1931, p. 103.

Carlos Dante de Moraes, **Machado de Assis visto por Augusto Meyer** in "Correio do Povo", Porto Alegre, outubro, 1935.  
Da Costa e Silva, **O poeta Bilú**, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 18 — maio — 1930 (sobre "Poemas de Bilú").  
Dante Milano, **Coração Verde**, in Para Todos, 14 — maio — 1927.  
De Paranhos Antunes, **Itinerários mentais da pama brasileira**, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1937, p. 7.  
Eloy Pontes, **No mundo das Letras**, in O Globo, 9 — dezembro — 1935 (sobre "Machado de Assis").  
Elevado Cruz, **Antologia da Língua Portuguesa**, Porto Alegre, Ed. Livraria do Globo, 1942, 5.ª edição, p. 34.  
Fernando Callage, **Um poeta gaúcho**, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 7-11-1929 (sobre "Giraluz").

## DE UM LEITOR DE ROMANCES: ALENCAR

Relendo, por volta dos quarenta, os romances devorados na adolescência, quando o mundo é enorme, e parece insuperável a disponibilidade da fantasia, compreendemos a importância da educação sentimental contida nos livros de ficção.

O que predominava no leitor monstruoso que já fomos: um dia, era a delícia de criar, acima da realidade, um ambiente de refúgio, onde tudo palpitava de uma vida mais intensa. A larva dos desejos, dos incertos e impuros desejos, vestia as asas do sonho, e abrir o livro era liquidar os cuidados importunos, cortando qualquer nó de um só golpe, ao simples virar das folhas.

Tudo isso repetido vezes sem conta, e criado o hábito da fuga, é claro que voltávamos a este mundo estreito com uma vaga saudade daquele outro, onde não havia sabatinas complicadas nem deveres urgentes para com a família.

E' quase sempre no ginásio, aliás, que a sedução dos primeiros romances começa a exercer o seu império sobre o adolescente. A monotonia mesma da rotina escolar serve nesse caso de contraste oportuno; de súbito, no meio da análise lógica, a "Prece" do Guarani, ou qualquer página de grande escritor, destinada a agitar a imaginação entorpecida, cai sobre o incauto como um doce raio de luz, provoca a fermentação dos desejos, e o livro cartonado e sujo, que parecia a bíblia do tédio, abre-se em perspectivas de mistério e delícia. Começa uma vida nova para o leitor que desabrocha agora mesmo no estudante bisonho.

Gula das leituras intermináveis, noite a dentro, acompanhando a sorte dos heróis com verdadeira angústia, enquanto os adormecimentos rondavam a concentração do visionário, sem licença de entrar. Era uma ebbria como a outra e deliciosa, ao passar, um gosto melancólico de cabo de guarda-chuva — a nostalgia de um paraíso perdido.

Ainda hoje as edições Garnier de capa vermelha me perturbam como velhas frequências mal recordadas. Não disse a ninguém, rumo ao comigo, quanto sonho está enterrado naquelas reliquias, nem o mal que me fizeram aos quinze anos.

E' em vão, por exemplo, que Alencar se recoste de outro roupagem e resurge sob a cor da folha morta nesta edição Menonimamente, por sinal bastante melhorada, como leitura gráfica e revisão do texto. Quando abro o volume, tenho a impressão de retomar o mesmo exemplar antigo, e apesar da brochura e da cor, parece que é a mesma capa encarnada que estou sentindo entre as mãos.

Mas o leitor maduro. Apalpa desconfiado o miolo do livro, talvez com medo de não encontrar mais a lindeza de outros tempos, quando passava horas no ópio literário e vivia, estirado na cama, as aventuras de Arnaldo Loredo, o sertanejo, ou do ativo Estácio das "Minas de Prata". Parafraseando o provérbio alemão, ninguém passa impunemente à sombra das palmeiras de Alencar.

Para os meus quinze anos, foi um verdadeiro detrito, a ponta de sonhar acordado com as grandes figuras que se moviam com tanta graça e dignidade sobre um fundo magnífico de selvas, largas praias e horizontes transfigurados pela glória de outro sol, maior que o nosso de cada dia. Como sabiam amar e lutar aqueles fantasmas bem falantes! Resplandeciam de uma beleza excessiva, quase inatrável para os limites humanos da admiração; por isso

João Pinto da Silva, **Valões do meu caminho**, 2.ª edição, 2.ª edição, Porto Alegre, Livraria do Globo, 1927, p. 186.

Kalender fur die Deutschen Evangelischen Gemeinden in Brasilien, 1931, Jg. 10, p. 119.

Lúcia Miguel Pereira, **Livros**, in "Gazeta de Notícias", 15 — setembro — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Luiz Delgado, **Notícias de livros**, in "Diário da Manhã", Recife, 26 — abril — 1936 (sobre "Machado de Assis").

Luiz Vergara, **O que se escreve**, in "Diário de Notícias", Porto Alegre, 1 — fevereiro — 1927 (sobre "Coração Verde").

Manuel Bandeira, **Literatura**, in Revista do Brasil, 15 — janeiro — 1927, p. 41 (sobre "Coração Verde").

Mário de Andrade, **Livros**, in "Diário Nacional", São Paulo, 14 — outubro — 1928 (sobre "Giraluz" e "Dois Orações").

Modesto de Abreu, **Biografias e críticas de Machado de Assis**, Rio de Janeiro, 1939. Of. Gráficas Alfa, p. 148.

Moisés Velinho, **Augusto Meyer**, in Revista do Brasil, Agosto de 1942, p. 29.

Nestor Victor, **Dois poetas** Inturistas, in O Globo, 3 — junho — 1939 "Poemas de Bilú".

Paulo Arinos, **Augusto Meyer, poeta e crítico**, in Cultura, Porto Alegre, 5-11-41, p. 57.

Paulo Arinos, **Vida Literária**, in "Correio do Povo", Porto Alegre, março — 1930 (sobre "Poemas de Bilú").

Pedro Vergara, "Poetas Riograndenses".

Pierre Heurcade, **Três livros sobre Machado de Assis**, in "O Estado de S. Paulo", 12 — outubro — 1938 (sobre "Machado de Assis").

Plínio Barreto, **Livros Novos**, "O Estado de S. Paulo", 14 — setembro — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Raimundo Moraes, **Machado de Assis**, Of. Gráficas do Instituto Lauro Sódre, 1939, p. 137 (sobre "Machado de Assis").

Rui Cirne Lima, **Ad Augustum**, in "Correio do Povo", 13-1-1927 (sobre "Coração Verde").

Tasso da Silveira, **A confusão dos gêneros**, in "A Nação", 23 — agosto — 1935 (sobre "Machado de Assis").

Tristão de Athayde, **Estudos**, 2.ª série, Ed. Terra do Sol, Rio de Janeiro, 1928, p. 17 (sobre "Coração Verde").

Tristão de Athayde, **Estudos**, 3.ª série, ed. de "A Ordem", Rio de Janeiro, 1930, p. 67 (sobre "Giraluz" e "Dois Orações").

Viana Moog, **O livro de Augusto Meyer sobre Machado de Assis**, in "Correio do Povo", outubro — 1935.

Vinicius de Moraes, **A moderna poesia brasileira**, in "Sur", Buenos Aires, setembro — 1942, p. 25.





# CRONOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

- 1651 — Falecimento de Manoel de Moraes.  
— Falecimento de Frei Paulo da Trindade (25-1).  
1652 — Nascimento de Nuno Marques Pereira.  
— Nascimento de Manoel do Desterro.  
1653 — Nascimento de Domingos Ramos (27-4).  
1655 — Nascimento de Gaspar Ribeiro Pereira.  
1656 — Data conjectural do nascimento de João Mendes da Silva.  
1657 — Nascimento de José Borges de Barros (18-3).  
1658 — Nascimento de Gonçalo Bavaço de Albuquerque Cavalcanti.  
1660 — Nascimento de Sebastião da Rocha Pitta (3 de maio).  
— Nascimento de Antonio da Piedade (Padre).  
1663 — Nascimento de Frei Manoel da Madre de Deus Bulhões (8-11).  
— Nascimento de Sebastião do Vale Fontes (20-1).  
1671 — Nascimento de João de Brito Lima (22-10).  
1675 — Data conjectural do nascimento de Prudêncio do Amaral.  
1676 — Falecimento de Diogo Gomes Carneiro.  
— Nascimento de João Álvares Soares da Franca (8-9).  
— Nascimento de

- Gonçalo Soares de Franca.  
1677 — "Ecce Homo", de Eusebio de Matos.  
1678 — Falecimento de Eusebio de Matos.  
— Falecimento de Antonio de Sá (1-1).  
— Publicação da Escola de Belém. Jesus nascido no presépio, de Alexandre de Gusmão (1.º desse nome).  
1679 — Começam a ser publicados os Sermões do Padre Vieira, em 14 vols.  
1685 — Nascimento de Bartolomeu de Gusmão.  
— Falecimento do Domingos Barbosa (22-11).  
— Publicação da História do Predestinado

- Peregrino, de Alexandre de Guarnião.  
1686 — Nascimento de Frei Francisco Xavier de Santa Teresa (12-3).  
1697 — Nascimento de Rêi Mateus da Encarnação Pina (23-8).  
1699 — "Publicação das meditações para todos os dias da Semana... de Alexandre de Gusmão (1.º desse nome).  
— Nascimento de Valentim Mendes (Padre) (10-4).  
— Nascimento de D. Luiz Canclo de Noronha.  
1692 — Falecimento de Eusebio de Matos (7 de julho).  
(Continua)

## A VIDA DOS LIVROS

MANUEL BANDEIRA — *Mafalda de Malungo. Jogos onomatícos e outras versos de circunstância. O Livro Inconsciente*. — 1940. — 77 págs.

Éis um livro que já se constitui uma preciosidade bibliográfica das letras brasileiras. Basta dizer que foi tirado em uma edição de cento e dez exemplares, fora do mercado, destinados unicamente aos amigos de Manuel Bandeira. Há outra particularidade, que encarece o seu valor: foi impresso pelo poeta João Cabral de Melo, atualmente em Barcelona, como nosso agente consular. *Mafalda de Malungo* encerra uma parte secundária da poesia de Manuel Bandeira — os pequenos divertimentos a que ele se dá com os seus amigos, semelhantes a outros que foram outrora tão do gosto de Mallarmé. É claro que no meio dessas brincadeiras, há coisas graves e sérias, páginas que não compreendemos deixem de figurar nas *Poesias Completas* de Bandeira; e está nesse caso aquele delicado soneto feito à maneira de Olegário Mariano, e sobretudo aquele soneto em versos ronsardianos, em que achamos celebrada a beleza de uma das alunas do poeta, Helena de Oliveira.

JAIME SABARTES — *Picasso, an intimate portrait*. — Prentice-Hall Inc. — New York, 1948, 230 págs. Preço 5 dólares.

Da Editora Prentice Hall, Inc. da Nova York, recebemos a obra de Jaime Sabartes — *Picasso, an intimate portrait*. Na relação bibliográfica do autor, achamos menção de três outros trabalhos de sua lavra dedicados ao grande pintor espanhol contemporâneo: *Picasso em sua obra* (Madrid, 1935); *Picasso (All'Insegna del Pesce d'Oro, 1937)*; *Picasso (Collection Couperus des maitres)*. Trata-se, pois, de um crítico que já tem por si a consagração universal, como mestre em assuntos referentes a Picasso.

A edição a que aqui nos referimos vem ornada de formosas reproduções de quadros do mestre malagueño.

PAULO DUARTE — *Palmares pelo azeite*. — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1947, 422 páginas.

O livro do Sr. Paulo Duarte é a crônica da revolução constitucionalista de São Paulo, em 1932.

Essa crônica pode ser encarada e estudada por vários ângulos: nela o sr. Paulo Duarte é o jornalista, é o romancista, é o poeta épico, é o sociólogo; e é sempre, ao lado de tudo isso, o paulista de inquebrantável fibra, apaixonado pela causa que desposou, sofrendo por ela, por ela arrostando todos os sacrifícios.

É claro que um livro de tal natureza, um trabalho de tais perspectivas, está destinado a provocar as reações mais diferentes. E se por um lado os adeptos das idéias paulistas de 1932 — que eram verdadeiramente as do Brasil — lerão com carinho e entusiasmo, e alguma vez até com lágrimas nos olhos, essas intensas e pungentes narrativas, por outro lado aqueles que estiveram contra os revolucionários bandeirantes — isto é, todos os adeptos da situação getuliana — odiarão estas páginas.

Paulo Duarte leva a sua narrativa até ao momento em que os revolucionários paulistas, vencidos, deixam a terra da pátria, condenados às agruras do exílio... "E antes que desaparecesse o presépio Fernando de Noronha, um dos expulsos lançou dentro da noite as primeiras pedras".  
(Cont. na página 51)

tudo é diálogo entre a palavra e o silêncio, entre o autor e o leitor ideal, entre a personalidade que se deseja integral e o eu momentâneo que escreve como as circunstâncias permitem. Já no ato de projetar sobre o papel o motológico ou a idéia, começa uma dissolução insidiosa, uma conversa de ecos, uma cena dramática. Todo esforço literário é drama ou comédia. O vidente e a realidade se contradizem.

No silêncio do gabinete, um tumulto de vozes interiores.

No simples gesto de escrever, quantas energias se queimam? A interdependência das forças naturais está no meu olhar que acompanha estas palavras escritas na minha mão, instrumento dócil e admirável, deslizando sobre o papel. Sou toda uma complexidade qualitativa, e no ângulo extremo do espírito — eu — o vício debruçado no pouco confuso das sensações. Elas passam pelo filtro das idéias, gota a gota, e vão criando asas. Mas também vão gastando o corpo, marco palpável do presente, entre o passado e o futuro. A agonia vive nele como boca insaciável, a agonia que vem da fome de ser. Pois o instinto possui duas faces, voracidade e esbanjamento, quer devorar e gastar-se ao mesmo tempo, egoísta prodígio. Fome e amor na raiz da carne fome carnal e espiritual. Pensa nessa outra maneira de ser que é se gastar na orgia trágica. Vibrar. Mas, quanto mais intensa a vibração, tanto mais rápido o esgotamento. Gole grande, taça vazia.

Por isso, o sentido do valor terrível que há no presente... Levarás muito tempo a compreender como é precioso e frágil este "agora" na sua fluidez. Acorda um momento, e verás a creatura única e irreversível que és neste minuto, neste segundo — qual será o teu limite? E podes acreditar no teu limite, quando precisamente um imperativo de ilimitação é que lhe dá sentido e alma?

As ameixas arredondam a pele vermelha no fundo do prato azul, enormes assim mergulhadas na água gelada. Na palma da mão, o contacto húmido toma o sentido de uma carícia, gotas brilham, o cheiro excitante é um ante-gosto delicioso. Mas — oh! mestres irrefutáveis — poderei afirmar que o fruto existe? Desde já eu sei que ele

morreu, transformado em gosto, na minha boca. E só ficou a tristeza insaciável dos lábios fechados.

Um gesto impaciente (porque a janela resiste), uma vontade de ar puro depois desta névoa interior do cigarro e dos livros — e os batentes se abrem para o mergulho do olhar no espaço gelado. Cêtu noturno, em cada estrela os meus olhos põem o reflexo do espanto que arde nas minhas pupilas. Aqui a transparência chega ao limite contrário e se torna opacidade. Perdido no meio da pontuação cintilante, que ponto escolher para traçar a minha constelação? As linhas ideais que imagino, partindo de estrela a estrela, formam uma rede intrincada e nunca chegarão ao fim. Poeira poeira das encruzilhadas... Meu passo perplexo se perde. E depois de algum tempo de contemplação, apenas fica a surpresa medrosa do homem perdido em si mesmo, um desejo de voltar aos limites protetores, ao refúgio da casa fechada.

O gato está sobre as quatro patas; é inútil fugir da poesia.

Nós nos deformamos a todo momento, voltados para a exterioridade. Os outros e a aventura do acaso nos remodelam à sua imagem e semelhança, e, assim, o que parece uma evolução interior, não passa de pobre mudança reflexa. Quase todo o nosso comportamento é impessoal e não apresenta nenhuma defesa contra as variações exteriores.

Melhor não ver? Sim, melhor quando precisamos da ação sem consciência. Mas, quando queremos voltar à fonte interior para tomar pulso à vida, para medir a fração inevitável do erro, então sentimos a imensidade da cegueira quotidiana em que andávamos perdidos. Perguntamos: era eu mesmo quem fazia isto ou aquilo, quem tomou essa feição absurda e se renegou rem vezes?

"E está demonstrado o teorema", declarava o meu professor. Os seus olhos resolutos nada viam. Ora, após a demonstração, o silêncio malicioso refluía, caindo na sala como a areia do tempo. O silêncio era um quadro negro. E eu sentia os meus cabelos crescendo na cabeça como ganchos de interrogação.

Não descemos ao silêncio,

verdade e morte: ficamos na mentira, vivemos.

Meus olhos estranhos não reconheciam o quarto. Pela fresta aberta no alto da janela entrava a luz do dia que morre e não volta nunca mais. Não é preciso repetir as duas palavras com aquele acento cavernoso que as "diseuses" põem no refrão do "Corvo", para sentir o irremediável dessa idéia tão quotidiana e tão esquecida. A sensualidade do momento desvia a nossa atenção, e não pensamos na hora que passa, vivemos esperando a que virá — com todas as suas promessas.

O sono, porém, introduz na inconsciência vital desprocurada a consciência do tempo: acordamos de súbito e os nossos olhos não reconhecem logo o mundo familiar, pois durante o sono ele mudou. Enquanto as pápebras coladas, os membros frouxos e a respiração serena marcavam a pausa da vida, numa impressionante imitação da morte, qualquer coisa morreu em nós, qualquer coisa passou para sempre e não volta nunca mais.

Pela fresta aberta no alto da janela, um resto de claridade agoniza, filtrada pelos cilios hesitantes, anunciando a marcha insidiosa do tempo, que não precisa de nós para transformar tudo e avançar, avançar sem fim. Os olhos abertos estão



EDITORA DA CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL



# PAGINA DE AUTORES NOVOS

## XVIII — Selene de Medeiros

### Cantico Pagão

Tu estás dentro da mim, dentro do baixo ardente  
que a boca te cinjo, em doido frenesim...  
dentro do sangue meu, do peito que fremente,  
eu sinto no teu peito, a palpitar por ti!

Estás na meu passado, estás no meu presente,  
na sentença que sonhei, no Deus em que descei...  
nas frescas lúas que tive, adolescente,  
nas lágrimas de amor mais acres que eu verti!

Quando em longínqua infância, eu via, desluzada,  
zola em zmitte, um ponto, um raio de alvorada,  
era tu só que eu via, imerso de esplendor...

Hoje nas veias trago o estrepito das matas,  
a cor do sol, a aurora, a voz das cantatas,  
pois que meu sangue estua e não faz-se o amor!...

### Suite

Nosso amor é clareira verde da floresta!...  
Tete — um longo doce de laran enfiado...  
Cunhado — o velho chão das folhas machucadas,  
e em tudo a hora dormente e lânguida da sesta...

Não viram quando entramos juntos, de mãos-dadas,  
no amago generoso e bom da mata em festa,  
as aves que, uma atenta, outra furtiva e lesta,  
palravam sem rumor ao seio das ramadas!...

Que silêncio — diseste — E eu disse — Quem falava?  
Que estímulo — diseste — existe no ar, em tudo...  
E eu disse: o mato nunca vi tão triste e mudo...

Mas, chegados ao chão, rimos de espanto — a espanto,  
que nunca havia o mato assim fadado tanto...  
Amávamos nós dois... Toda a floresta amava!

### A Noite Sobre Nós

Não... não temas a noite... A noite é um teto amigo...  
É um serranho alente, quieto, acolhedor...  
Não vês que o chão de terra nua, como abrigo,  
está macio e quente, e cheira como flor?

Não, não temas. Querido... Abraça-te comigo  
nasta aleva sem fim, de tédio negro...  
Porque tremer assim de insolito perigo,  
se tens o meu queixume, a voz do meu amor!...

A madrugada, a aurora — andemos a esquecê-las...  
No céu somente há cirios — cirios como catelas,  
poiteando mudamente o nosso ardente enleio...

Tu, (do forte, tremendo num pavor de criança...  
Eu, pequenina, entre o teu medo e a noite mansa,  
erguendo a alva muralha estuante do meu seio!...

### Alma e Charco

Na estrada retorcida ao sol desperto e pleno,  
a poça de água em brejo é um turvo olhar que dorme,  
que apela a morte, a dor, distila o seu veneno,  
vingança de não ser um rio manso e enorme...

Não há quem vindo longe logo não transforme  
em medo, e angústia, e pressa, o olhar que era sereno...  
Ao ver essa pupila imóvel, uniforme,  
sem dom de palpar, ou graça de um aceno...

Carros-de-bois e tropas passam pela estrada...  
Locomotivas negras, de agressivo porte,  
rasgando o azul-marinho à noite constelada...

E a poça de água em brejo, escura, o céu espia,  
que refletir não pode, e lábrega bradida  
seu hálito de angústia, e de aflição, e morte!...

### II

Noite passada, entanto, lugubre e silente,  
fria de lua e brevo, como um cemitério,  
quasi debruçasse o rosto àquele olhar funéreo,  
veria que esse brejo escondia avaramente

a branca restação de um cáncido mistério...  
Lírios se abrindo ao céu, multiplicadamente...  
Haurido dessa Luna a pele transparente,  
transmutando fato todo em vago aroma útero...

Quanta alma existe a liveja, a morte, o horror distila!  
E um dia há alguém que espia o olhar dessa pupila,  
e no fundo ao sorvelinho, em meio ao lamaçal,

Descobre algo fulgido branco, inquieto, a medo,  
que exala ao céu perfume, em tímido segredo...  
— Lírios em profusão, num súbito estendal!...

### Lavadeira

Bateu lavadeira na pedra do rio...  
Sabão esguichando na grama orvalhada...  
Máfada da roupa prontinha, lavada...

Manhã nascitura, nascendo aos pouquinhos,  
e o sol, com prestígio de artista do povo,  
caindo horizontes, pintando caminhos...

Silêncio de mato, pontado onde-em-onde  
de róis, sanhaços, anuns atrevidos...  
Silêncio de mato é chuveiro de ruidos...

E em baixo, na curva do rio mulato,  
que faz travessuras e saltos incríveis,  
a faina alveja da moça-do-mato...

Compasso de braços, batendo, batendo...  
A roupa ficando limpinha, bonita,  
e o vento na moça, na saia de chita...

Movendo de jumbo, mostrando com graça  
de um palmo de joelho, que a terra comprime,  
que a saia mal cobre, onde franze e arregaça...

E as mãos ocupadas, lidando, ensaboadas...  
Pretendo outras peças, torcendo as primeiras...  
Salpicos pingando das mãos lavadeiras...

Espuma escorrendo na pedra do rio...  
Parece um sorriso num rosto caboclo...  
Um rosto tão sério — um sorriso vadio...

E ao som do silêncio matuto e dormente,  
o bate-rebate ressoa perfeito,  
escândalo, vaia, total desrespeito...

O sol, que sofria do mal-parecimento,  
violenta de súbito as nuvens mocinhas,  
trespassa-as de luz, sem pudor, cerimônia,



Selene de Medeiros

Sorri para o rio, sorri do vexame  
das nuvens que fogem, correndo contendo...  
E fica sorzinho, brilhando sorzinho...

Erótico, alegre, de olhar que se trava,  
no corpo despido da roupa que estampa,  
no preto-cabele da moça que lava...

Então, sem notar quanto fica faceira,  
levanta-se a dona da roupa, e se apressa...  
E à testa sem neve, há gotinhas de espuma...

Gotinhas de espuma no pelo redondo,  
na volta de peito, que apenas espreta,  
na saia de roda, seu corpo compendo...

E ao gesto furtivo que faz, quando erguida,  
um bando de róis se assusta nos minúsculos  
e toca alvorada aos dentes pausadinhos...

Alarme de penas, enfim, alarido...  
Não foi madrugada que trouxe este dia,  
foi simples ruir do mais simples matido...

Só agora amanhece de rijo e verdade...  
O mato girando na roda das cores...  
Cigarros, abelhas guardadas nas flores...

Lá vai, lavadeira... (Mas volta, que eu rogo)...  
A trouxe à cabeça, sumindo... sumindo...  
O braço abandonando num tom de atêlgo...

E o rio, coltado, seguindo no encaço...  
Alarga-se, espreta-se, vira, desvira...  
Com raiva das margens... Com raiva? Mentira!

### \*NOTA SOBRE SELENE DE MEDEIROS

Selene de Medeiros nasceu na Bahia, e é filha do Dr. Bernardino de Sousa e D. Maria Olivia Carneiro de Sousa. Pelo lado materno, é neta do Professor Carneiro Ribeiro. É diplomada em piano pelo Conservatório da Bahia.

Reside no Rio de Janeiro, e é funcionária pública.

Escreveu:

— Alvorada, 1917. Três prefácio de Afonso Falcão.

— Gota d'água (Versos). Está inédito.

cidade, o seu país. — Rui é a defesa das precativas (Cantigas de fogo). O público e a atitude dos jornais. Censura dos leitores. O Jornal e a propaganda. A questão dos anúncios. Certos jornais americanos têm códigos internos. Entre outros, o New York Times.

### MONTEIRO LOBATO

A 4 do corrente, o Brasil sofreu uma grande perda, no terreno espiritual: o falecimento de Monteiro Lobato. Tinha 63 anos de idade o admirável escritor, e seu falecimento foi motivado por uma congestão cerebral. O enterro realizou-se em São Paulo, e teve o aspecto de uma consagração pública.

Monteiro Lobato era justamente querido e admirado. Homem de raríssimo talento, escrevendo uma prosa inteiramente sua, criador de um estilo crespido e fulgido, digno de ombrear com o de Camilo, o de Fialho, o de Machado e o de Rui — ele foi, também, o homem de ação, o patriota ardente, incansável, quase diríamos apostolado. Fêz algumas campanhas nacionais da maior significação, como a do livro infantil, como a do petróleo. Em ambas, teve a felicidade de se saber inteiramente vitorioso. Na última — a do petróleo — arrotois prósperos, perseguições, odios de toda a sorte. Mas jamais deixou de afirmar que havia petróleo em nosso país. A verdade estava com ele; hoje sabemos o quanto era errônea e mesmo inepta a tese de certos engenheiros oficiais, que se metiam dentro da sua estranha saber para assegurar que a natureza havia negado a todo o território do Brasil o precioso combustível!

Espirito irreverente e insubmisso, daqueles que, como Capitão, só a contra-gosto consentiam em pertencer à sociedade humana, Monteiro Lobato há quatro anos, desdenhou ser eleito para uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras. Foi-lhe, em 1944, oferecida, por um grupo de dez académicos, a sucessão de Alcides Maya. Conhecem todos as circunstâncias em que o autor de A Berra de Gleyre recusou aceitar a sua indicação, a qual já se achava formulada.

Monteiro Lobato pertencia, entretanto, à Academia Paulista de Letras, e ali ocupava a cadeira n.º 38, criada por Pedro de Toledo e patrocinada por Gabriel Rodrigues dos Santos.

### Ética, História e Legislação Jornalística

MUCIO LEAO

Primeira parte: louvor à imprensa. O jornal, elemento característico do mundo contemporâneo. — Rápida síntese da evolução da imprensa no mundo. Roma. Theophrastus Renaudot (1586-1630); o Bureau d'Adresse et de rencontre; a Gazette. A imprensa na Revolução Francesa. Marat. Desmoulins. — Alguns momentos culminantes do jornalismo universal. Poder de Swift. Zola e o caso Dreyfus. O Times. Dois fatos do jornal: o ensaio e a crítica. Montaigne, precursor de jornalistas. Sainte-Beuve, Anatole France. No Brasil: o ensaio de João Ribeiro. A crítica brasileira é toda filha do jornal.

Toda a história do Brasil nasceu do seu reflexo no jornal. Hipólito da Costa e a Independência. Evaristo da Veiga e a preparação para o Império de Pedro II.

A Regência. As revoluções

liberais de Pernambuco resumidas em Frei Caneca; Luis Gama; Rui e Putrocínio; a Abolição. Quintino Bocaiuva e Rui: a República. A imprensa e as duas grandes guerras. A imprensa e a revolução de 1930. A imprensa e a queda do regime ditatorial.

Segunda parte: Os males da Imprensa. — O jornal como veículo de descrédito e desmoralização. Opinião de Rui sobre o bom e o mau jornal. A calúnia e Prudente de Moraes; e Campos Sales; e Ovídio Cruz.

Palavras de Thiers a Victor Hugo.

Terceira Parte: A ética jornalística nos nossos dias: instrução e sobretudo educação. Função da família e principalmente dos pais.

Preceitos da ética jornalística. Deveres do jornalista para com o seu jornal, os seus chefes, os seus colegas, a sua so-

# Homens e Algas

## OS PESCADORES

Othon d'Eça

Janeiro — 1945. Coqueiros.

Domingo. O sol derrama por sobre o mar uma poalha de prata que cintila e que palpita como o ventre de um reptil.

O dorso da Costeira, as encostas do Rio Tavares, mesmo os Baixos e, mais longe, o morro do Ribeirão até ao friso violáceo dos Naufragados — escorrem claridades, mostram saliências frescas e coloridas, como se um mundo novo tivesse surgido das espumas, do fundo misterioso da vaga.

A busina do peixe vai deixando na estrada uma zona recurvos e espaçados, feitos de mugidos.

— Será o Molés?

— Não. É o Doca.

Certo um momento os olhos para recordar, para sentir uns retalhos de impressões: que nunca mais morrerão dentro de mim, porque são feitos de pedaços de minha vida e têm a sua como eu.

Parece que foi ontem! A praia estava cheia de gente: naquelas tempos qualquer cristão podia comprar o peixe que quisesse: corvinas ou papa-terra; pescadinhas ou culapadas e até linguados e garoupas.

A rede do Romão acabara de chegar do canal. A caça fôra feita; a peixeira ainda não fugira das baías e dava gosto se passava uma noite no mar.

— Quem é aquele pescador?

— É o Doca. Está de novo nos Coqueiros.

Era um homem musculoso, cor de alcatrão, d'ossos longos e fortes como mourões. Cabelos negros, lúridos e ásperos como crinas de potro.

Grandes mãos lanchadas pela salmoura. E um olhar firme e agudo como as garvoas.

Depois a vida rodou por sobre ele.

O Doca passou a ser um farrapo d'homem: esfolado, descolorido, a barba muito rala e toda branca.

Os estalos já não luziam como pixei: empastados nas temporadas duras, pareciam restos encardidos de estopa.

Não caminhava: os seus passos trancavam no chão lúidas vacillantes. Quase não podia suportar o peso do balão.

— Mas V. Doca, assim doente ainda vai ao mar?... — As crianças carecem comer.

O Doca estava morrendo de uma lenta miséria.

Tivera a sensação: uma noite nos Ratores lhe bastara!

E a anemia, cada manhã, lhe apagando aquele homem desnitrado, sempre fatigado que tinha de ir ao mar porque as crianças careciam comer!

E quem pensar!

O Doca se aproxima. Segue-o o povo. Ninguém ficou em casa, nos panos, mesmo doente: a brincadeira é mais forte do que tudo.

— É o nosso divertimento... Já foi dos nossos pais... Não há outro!

— E quem vai de cavallinho?

— O Estêvão. Brinca que vale a pena. E que firme no loço!

No terceiro em frente à minha casa o povo se aglomera, embesvoado, os olhos ávidos num silêncio de igreja.

Os cantadores chamam o boi, que se precipita, espantado, marrando os dianteros, abrindo espaços, alcançando mesmo os que se debriam na cerca, do lado de fora...

— Ela! Louco!

Em seguida o Mateus, todo enfeitado de tiras coloridas de papel de seda, o chapéu de bico, a varinha na mão.

Depois... o boi adoeceu: está caído, os grandes olhos de carvão muito abertos, o focinho na terra, imóvel na sua armação de bambu verde.

O coro lastima a sorte do bicho! O vaqueiro nada arranjou: apela para o doutor, que se aproxima com as suas artes numa caixa de pau, d'olculos de arame sobre o nariz vermelho de zoroão.

E beize o boi, com as "palhas e maravilhas e as penas do mumbú"...

O boi se move, levanta, curado, e volta a dançar, até que o cavallinho, que também executou os seus compassos, ondoou a sua capa de setineta azul e baten o seu penacho de panna, obedecendo aos cantadores, laca o malhado e o arrasta para fora da cerca, para o receso das folhagens.

Há um instante de silêncio...

Do fundo, os cantadores seduzem a Bernuncia...

Bernuncia, minha Bernuncia, Bernuncia do coração...

E entra a "excomunhada", como um vento, holecando o corpo para lá e para cá, a cabeça baixa, preparando o bote que nem cobra...

A Bernuncia!

Não se sabe de que fabulário ou de que floresta ela se desprendeu.

É um bicho longo, de quatro pés, fiavel, de cauda curta de bode e com riscos negros no lombo de cação...

Como crianças, a peixe e depois ainda fica a bater a dentadura, satisfeita...

Para o Caminho, da Pastinha, a Bernuncia deve ser uma "alma".

(Cont. na página 52)

## AOS COLECIONADORES DE "AUTORES E LIVROS"

Possuímos alguns números da primeira fase da nossa publicação. Como temos sido procurados por colecionadores que, possuindo coleções desatualizadas, procuram saber se dispõem dos números que lhes faltam, publicamos aqui a lista dos fascículos em nosso poder:

I Volume. (De 10 de Agosto de 1941 a 4 de Janeiro de 1942)

- N.º 5 — Raimundo Corrêa (14-8-1941).
- N.º 7 — Machado de Assis (28-8-1941).
- N.º 8 — Francisco de Castro (5-10-1941).
- N.º 9 — Casimiro de Abreu (12-10-1941).
- N.º 10 — Artur Azevedo (18-10-1941).
- N.º 11 — Araripe Júnior, Joaquim Serra e Amadeu Amaral (26-10-1941).
- N.º 13 — Gonçalves Dias (9-11-1941).
- N.º 14 — Mafalda de Jilca e Francisca Julia (16-11-1941).
- N.º 15 — Raul de Leoni (23-11-1941).
- N.º 16 — Augusto dos Anjos (30-11-1941).
- N.º 17 — Humberto de Campos (7-12-1941).
- N.º 18 — Salvador de Mendonça (14-12-1941).
- N.º 19 — Raul Pompéia (21-12-1941).
- N.º 20 — Olavo Bilac (28-12-1941).
- N.º 21 — índice do primeiro volume (4-1-1942).

II Volume. (De 11 de Janeiro a 26 de Junho de 1942)

- N.º 1 — José de Alencar (11-1-1942).
- N.º 2 — Mario de Alencar (18-1-1942).
- N.º 3 — Franklin Távora (25-1-1942).
- N.º 4 — Joaquim Nabuco I (1-2-1942).
- N.º 6 — Carnaúva (15-2-1942).
- N.º 7 — Stefan Zweig (1-12-1942).
- N.º 8 — Alberto de Oliveira (8-3-1942).
- N.º 9 — Castro Menezes (15-3-1942).
- N.º 11 — Aluísio Azevedo (5-9-1942).
- N.º 12 — Visconde de Taunay (12-4-1942).
- N.º 13 — Joaquim Manoel de Macedo (26-4-1942).
- N.º 14 — Antero de Quental I (2-5-1942).
- N.º 15 — Antero de Quental II (10-5-1942).
- N.º 16 — Luiz Delfino (17-5-1942).
- N.º 17 — José Veríssimo (31-5-1942).
- N.º 18 — Ronald de Carvalho (7-6-1942).
- N.º 19 — Afonso Arinos (14-6-1942).
- N.º 20 — índice do segundo volume (28-6-1942).

III Volume. (De 5 de Julho a 27 de Dezembro de 1942)

- N.º 1 — Ruy Barbosa (5-7-1942).
- N.º 2 — João Ribeiro (12-7-1942).
- N.º 3 — Barbosa Rodrigues (19-7-1942).
- N.º 4 — Vicente de Carvalho (2-8-1942).
- N.º 5 — Euclides da Cunha I (16-8-1942).
- N.º 7 — Euclides da Cunha II (23-8-1942).
- N.º 7 — O Brasil na Guerra (13-9-1942).
- N.º 8 — Castro Alves (12-9-1942).
- N.º 10 — Celso de Magalhães (4-10-1942).
- N.º 11 — Cruz e Souza (11-10-1942).
- N.º 12 — B. Lopes (18-10-1942).
- N.º 13 — Albuquerque de Guimarães (1-11-1942).
- N.º 14 — Albuquerque de Guimarães (18-11-1942).
- N.º 15 — Gonzaga Duque (18-11-1942).
- N.º 15 — Mario Pedreira (22-11-1942).

- N.º 17 — Lima Campos (6-12-1942).
- N.º 18 — Tristão da Cunha (13-12-1942).
- N.º 19 — índice do terceiro volume (27-12-1942).

IV Volume. (De 3 de Janeiro a 27 de Junho de 1943)

- N.º 1 — Carlos de Laet (3-1-1943).
- N.º 2 — José do Patrocínio (10-1-1943).
- N.º 3 — Alcindo Guanabara (17-1-1943).
- N.º 4 — Quinzine Bocayuva (24-1-1943).
- N.º 5 — Lucio de Mendonça (7-2-1943).
- N.º 6 — Medeiros e Albuquerque (14-2-1943).
- N.º 9 — Bernardo Guimarães (14-3-1943).
- N.º 10 — Manoel Antonio de Almeida (21-3-1943).
- N.º 12 — Coelho Neto (11-4-1943).
- N.º 14 — Adolfo Caminha (2-5-1943).
- N.º 15 — Paulo Setubal (9-5-1943).
- N.º 16 — Antonio de Alcantara Machado (16-5-1943).
- N.º 17 — Lima Barreto (23-5-1943).
- N.º 19 — Angelo Agostini (13-6-1943).
- N.º 20 — índice do quarto volume (27-6-1943).

V Volume. (De 4 de Julho a 23 de Dezembro de 1943)

- N.º 1 — Artur de Jacquot (4-7-1943).
- N.º 2 — Junqueira Freire (11-7-1943).
- N.º 3 — Luiz Guimarães Júnior (18-7-1943).
- N.º 4 — Gonçalves de Magalhães (1-8-1943).
- N.º 5 — Dutra e Melo (8-8-1943).
- N.º 6 — Porto Alegre (15-8-1943).
- N.º 7 — Francisco Oviattano (22-8-1943).
- N.º 8 — Pedro Luiz (5-9-1943).
- N.º 10 — Gonçalves Crespo (19-9-1943).
- N.º 11 — Hermes Pontes (3-10-1943).
- N.º 12 — Emilio de Menezes (10-10-1943).
- N.º 13 — Adeline Fontoura (17-10-1943).
- N.º 14 — Faria Neves Sobrinho (24-10-1943).
- N.º 16 — Teófilo Dias (14-11-1943).
- N.º 17 — Rodrigues de Abreu (21-11-1943).
- N.º 18 — Pedro Américo (5-12-1943).
- N.º 19 — Shakespeare (12-12-1943).

VI Volume. (De 1 de Janeiro a 25 de Junho de 1944)

- N.º 3 — João Francisco Lisboa (16-1-1944).
- N.º 4 — Rio Branco (16-1-1944).

- (23-1-1944).
- N.º 5 — Capistrano de Abreu (6-2-1944).
- N.º 6 — Eduardo Prado (13-2-1944).
- N.º 8 — Rocha Fombo (5-3-1944).
- N.º 9 — Oliveira Lima (12-3-1944).
- N.º 10 — Alfredo de Carvalho (19-3-1944).
- N.º 11 — Barbosa Lima (1-4-1944).
- N.º 12 — Pandiá Calógeras (8-4-1944).
- N.º 13 — João Ribeiro (18-4-1944).
- N.º 14 — Tobias Barreto (23-4-1944).
- N.º 15 — Silvio Romero (7-5-1944).
- N.º 17 — Sousa Bandeira (21-5-1944).
- N.º 18 — Artur Orlando (4-6-1944).
- N.º 19 — Anatole France (11-6-1944).
- N.º 20 — índice do sexto volume (23-6-1944).

VII Volume. (De 9 de Julho de 1944 a 7 de Janeiro de 1945)

- N.º 1 — Araripe Júnior (9-7-1944).
- N.º 3 — Lafayette Rodrigues Pereira (23-7-1944).
- N.º 5 — Laurindo Leão (6-8-1944).
- N.º 6 — Farias Brito (13-8-1944).
- N.º 7 — Tomaz Antonio Gonzaga (20-8-1944).
- N.º 8 — Poetas Bissexto I (3-9-1944).
- N.º 9 — Poetas Bissexto II (10-9-1944).
- N.º 10 — Apolinário Porto Alegre (17-9-1944).
- N.º 12 — José Carlos Rodrigues (8-10-1944).
- N.º 13 — Pereira da Silva (15-10-1944).
- N.º 15 — Guimarães Passos (5-11-1944).
- N.º 16 — Lindolfo Esteves (12-11-1944).
- N.º 17 — João Julio dos Santos (19-11-1944).
- N.º 19 — Raimundo Corrêa (3-12-1944).
- N.º 19 — Carmen Cintra, Vera Maria, Candida Maria (10-12-1944).
- N.º 20 — Verlaine (19-12-1944).
- N.º 21 — índice do sétimo volume (7-1-1945).

VIII Volume. (De 14 de Janeiro a 11 de Março de 1945)

- N.º 1 — Antonio de Moraes Silva (14-1-1945).
- N.º 2 — Carneiro Ribeiro (21-1-1945).
- N.º 3 — Ruy Barbosa (4-2-1945).
- N.º 4 — Pacheco Junior (18-2-1945).
- N.º 5 — Heraclito Graça (4-3-1945).
- N.º 6 — Declínio Tavares (11-3-1945).

Aqui termina a primeira fase de AUTORES E LIVROS.

Acucar Perola

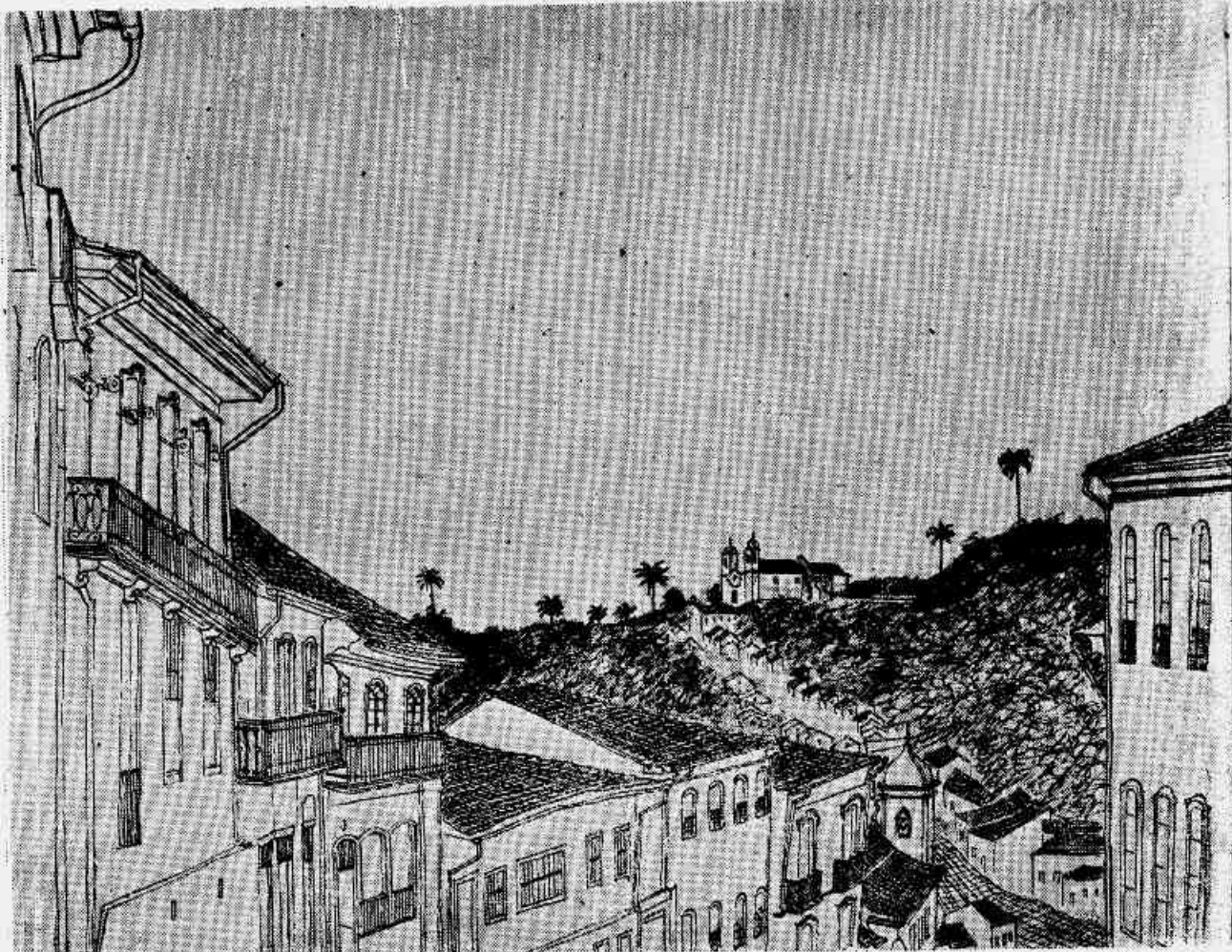
## BRAZIL HERALD

O único jornal brasileiro em língua inglesa.  
TELEGRAMAS DE TODOS OS PAISES DO MUNDO  
— JORNALISMO DESPORTIVO — SUPLEMENTO  
— CARICATURAS — PARTE FINANCEIRA  
Rua Mexico, 31, sala 1104  
Rio de Janeiro.





# Album de Guignard



| N. 3 — Ouro Preto — Bairro de Antonio Dias

## O REAPARECIMENTO DE AUTORES E LIVROS

Carta a Mucio Leão

São Paulo, 26 de Junho de 1943.

Meu caro Mucio Leão:

Alguns amigos meus procuraram, nas bancas e livrarias, o primeiro fascículo de "Autores e Livros" e não encontraram um exemplar sequer.

Que foi isso? Ou você não mandou fazer a remessa para aqui, ou os poucos exemplares que vieram já desapareceram.

Em qualquer hipótese devo comunicar-lhe o fato, para seu governo, dado o interesse com que acompanho "Autores e Livros" publicado agora como revista independente e especializada.

Já lhe falei sobre a oportunidade de sua feliz iniciativa. Quero apenas dizer-lhe agora que, no meu entender, você vai prestar às nossas letras um extraordinário serviço, superando mesmo o que já fizera ao tempo em que essa publicação, planejada segundo um sistema inteiramente seu, foi, na verdade, o primeiro suplemento a aparecer entre nós.

"Autores e Livros", já em sua fase inicial, se distingue de todas as publicações pela

### PREÇO DAS NOSSAS COLEÇÕES

Informamos aos Srs. colecionadores que, devido à grande valorização que tiveram as coleções de "Autores e Livros", as quais atingem aos preços de sete a dez mil cruzeiros, o valor de cada fascículo será proporcional ao preço pelo qual vendemos uma coleção completa encadernada. Cr\$ 7.500,00.

sua feição própria, inconfundível, colocando a nossa história literária ao alcance de todos. Você dava ao público, esporadicamente, verdadeiras antologias em cada fascículo. Coisa que jamais teríamos conseguido, não fosse a sua invenção.

Lembro-me do admirável papel que lhe coube, em nosso jornalismo literário, e ainda como principal fator do êxito de "A Manhã" na fase em que esteve sob a minha direção. Com segredo orgânico sempre me recordo disso, pois muito aprendi com você; e, ainda hoje, toda vez que preciso informar o meu espírito — como ocorreu recentemente no caso da conferência que pronunciei na Academia sobre Luis Guimarães — recorro ao seu magnífico trabalho, cuja coleção completa conservo com todo o carinho.

Em sua nova fase, novos triunfos lhe estão assegurados, porque você apresenta mais uma excelente contribuição para o estudo e o conhecimento de nossas letras a coincidir com um momento da fecunda curiosidade pelas manifestações de cultura e da sensibilidade nacionais.

Com estes votos, envio-lhe — meu caro Mucio — o meu comovido abraço de felicitações e aqui fico às suas ordens para alguma coisa, em que lhe possa ser útil.

Afetuosamente, e com a admiração de sempre.  
(as.) Camilina Ricardo.

## A VIDA DOS LIVROS

(Cont. da página 51)

— Poppe de Figueiredo (Ten. Cel.). — A Instrução Militar Moderna (publicação autorizada pelo Estado Maior do Exército). Instituto Progresso Editorial, S. A. (IPE), São Paulo, 1947. 216 páginas.

— Rebelo Gonçalves. — As Humanidades Clássicas e A Universidade de Coimbra. Coimbra, 1947. 34 páginas.

— Rodrigues Migueis, José. — Onde a Noite acaba. (Contos). Coleção Clássicos e Contemporâneos, dirigida por Jaime Cortesão. Edições Dois Mundos, Rio, Lisboa, 1946. 231 páginas.

— Seraine, Florival. — Através da literatura Cearense. (Crítica). Edições ESTUDOS, Fortaleza, Ceará, 1948. 117 páginas.

— Verlaque, Paul. — Poemas Escotadas. Edição comemorativa do Centenário. Seleções, estudos, notas e apêndices por Onestaldo de Pennafort. Livraria do Globo: Porto Alegre, 1945. 249 páginas.

## OS PADRES

### E OS INDIOS

(Continuação da pág. 43)  
ra que, se for necessário, ajudem com eles aos Portugueses por seu resgate, como é verdade, que muitos Portugueses comem das almas, por onde se pode dizer, que os Padres da Companhia são pais dos índios assim das almas como dos corpos.

(Primeiros almeamentos na Bahia — S. D. do M. E. S., 1946).

## OS PESCADORES

(Cont. da página 50)

Mas o Antônio Adriano, velho pescador e meu amigo, pensa que a Bernúcia veio do mar.

— Pode que seja um bicho do mar!...  
O Cipriano, porém, apenas sabe que é a Bernúcia e que ela deve obedecer:

Senhora d. Bernúcia,  
Faça a sua obrigação,  
Venha dançar sem demora  
No meio deste salão.

E a brincadeira terminou: Mateus recolhe os óculos amigos: — O que quiser... qualquer coisa chega... qualquer coisa...  
— V. dançou muito bem, Doca... E' o melhor Mateus que eu já vi aqui em Coqueiros...

— Obrigado... A gente faz o que pode...

E o Doca mostrava uns dentes rijos, cravados em gengivas duras.

O suor dava-lhe no rosto uns tons lúzidos de bronze molhado e o torso, largo e musculoso, parecia maior sob as tiras horizontais de papel franjado.

Morreu como os outros pescadores; regumando água do ventre, conformado no seu heroísmo, sobre farrapos encardidos e entre crianças que ainda não compreendem a sua fome.

O destino lhe fez uma única concessão: não o afogou no mar, deixou que o Doca morresse em casa, na sua enxerga de papel, esgotado por uma lenta e funda agonia.

Melhor assim: o Doca ao menos não foi roído pelos peixes ou o seu corpo se não espantou, como o do Constâncio, de encontro à ponta das pedras, em qualquer costão onde o mar está sempre enfurecido.

— Sim. Foi repousar no pé do cruzete, louvado seja.

— Sabe-se onde ele está e é da gente!

Todos os pescadores pensam da mesma forma:  
— Voltou para a terra, senhor. Antes a cova que andava, aqui pousa, sobre as águas, arrastado no vento! Crede!

Conheci muitos pescadores. Alguns morreram no mar; outros nos seus ranchos úmidos, onde faltava a luz e sobrava a miséria.

Nunca me hei de esquecer do João Flores ou do Lourenço Carpes... Eram meus amigos... A ambos levei-os ao cemitério. Mas, não sei porque, o Doca me comoveu mais do que todos os outros!...